

O PORTO NA DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO A INDÚSTRIA TÊXTIL

MARIA MADALENA ALLEGRO DE MAGALHÃES¹
(Faculdade de Letras do Porto)

Depois de um longo período de discussão e agitação em torno de propostas (modelos) de abordagem das tendências dominantes na geografia industrial do chamado pós-fordismo, no sentido de compreender as alterações em curso desde os anos setenta, na indústria no mundo, algumas conclusões começam a ser aceites de forma generalizada.

Parece agora legítimo questionar a consolidação de um regime de acumulação hegemónico – o da acumulação flexível – assim como também não é certo que esteja estabelecido um novo modo de regulação pós-fordista.

Ora uma das teses fundamentais da literatura do pós-fordismo foi a que estabeleceu uma correlação entre os regimes de acumulação e os respectivos padrões territoriais de organização da indústria. Assim, enquanto que o fordismo e a correspondente integração vertical, teria conferido às indústrias uma maior liberdade locativa, permitindo uma dispersão espacial das unidades produtivas, o pós-fordismo teria conduzido ao aparecimento de aglomerações, uma vez que a proximidade física assegurava a articulação entre o conjunto de unidades produtivas num ambiente onde dominava a desintegração. O espaço, exerceria funções de articulação entre os segmentos das fileiras produtivas desintegradas, num quadro de intensificação da divisão técnica e social do trabalho, comparáveis às exercidas por uma gestão única na integração vertical. Essa era, na essência, a base de funcionamento dos (novos) distritos industriais pós-fordistas.

A especialização dos distritos industriais em fileiras específicas colocou, por seu turno, algumas questões novas sobre os factores determinantes da divisão espacial do trabalho. Fundamentalmente as dúvidas que a literatura pós-fordista trouxe nesta matéria referem-se ao saber até que ponto essa divisão espacial do trabalho se manifesta de forma dominante ao nível das fileiras ou dos produtos ou se, pelo contrário, se continua a acentuar a divisão segundo tarefas, ou níveis da divisão técnica do trabalho – regiões com funções de concepção e controle em oposição a regiões de execução.

As tendências que se têm evidenciado no quadro da globalização e da crescente concentração de capitais e o crescente protagonismo de grandes grupos económicos internacionais, polifuncionais, revelam que a divisão internacional do trabalho se continua a estabelecer ao nível das tarefas da divisão técnica do trabalho, mais do que em função de fileiras ou especializações em produtos. Para além disso, sectores e fileiras associadas a produções em grande escala têm insistido em comportar-se, segundo muitos autores, de forma «muito fordista»².

E isto não acontece apenas nos sectores paradigmáticos do Just-in-time, por exemplo. Também é verdade em sectores tão diferentes como os Lacticínios ou os Têxteis.

O que pretendo nesta comunicação é tentar identificar a inscrição do Porto na divisão internacional do trabalho, no caso específico das indústrias

têxteis. A razão de ser deste exercício decorre de dois factos. Primeiro, o desenvolvimento das indústrias têxteis algodoeiras a partir de meados do século passado foram determinantes na evolução da base económica da cidade, contribuindo decisivamente para o posterior desempenho desta enquanto centro polarizador de uma vasta região e segundo centro urbano nacional. Em segundo lugar, parece-me importante compreender, agora ao nível da fileira, de que forma o seu percurso espacial se foi alterando, avaliando até que ponto esse percurso foi definido pela relação ou correlação existente entre os seus objectivos internos com os do Porto, enquanto cidade. O que pretendo basicamente saber é o seguinte: Foi a têxtil que procurou outros territórios, ou foi o Porto que empurrou a têxtil para fora do seu território? Mais: Que ganhos e perdas resultaram para ambas as partes desse processo de deslocação territorial que foi a saída da têxtil do Porto, para uma região outrora rural periférica? E hoje em dia, até que ponto o lugar do Porto na divisão internacional do trabalho passa pelas indústrias têxteis algodoeiras, outrora determinante?

Basicamente vou apresentar uma caracterização da indústria têxtil algodoeira no Noroeste português, na actualidade, ao nível da organização da produção, da sua inscrição na estrutura fundamental da fileira e da repartição espacial, para de seguida procurar identificar os factores que determinaram o percurso histórico passado, assim como clarificar algumas das características desse mesmo percurso histórico.

Como questão específica, repito, procurei perceber como é o comportamento espacial de uma fileira historicamente enraizada no Noroeste se articulou com a evolução do Porto, enquanto polo urbano.

As conclusões mais relevantes deste pequeno exercício apontam no sentido do esvaziamento praticamente total do papel do Porto enquanto polo de concentração das funções de concepção e gestão da fileira, outrora de crucial importância.

A fileira têxtil que já anteriormente deslocara do Porto para áreas rurais periféricas e especificamente para os vales dos rios Ave e afluentes, Leça e Cávado os seus segmentos de execução, deixou de ter aqui também o seu centro de controle privilegiado.

A concentração regional da têxtil algodoeira acentuou-se, reforçando-se a sua inscrição internacional, numa clara estratégia de fileira, aí se incluindo a manutenção (e não apenas mera sobrevivência) de modelos organizativos tradicionais marcados pela integração vertical e pela produção de grandes volumes, ainda que segundo novas formas.

Ainda que não constituindo também objectivo desta comunicação, fica subjacente à análise que passo a expôr a questão de saber até que ponto existe neste caso e nesta região um regime de acumulação flexível, pós-fordista.

A fileira têxtil

Os conceitos de fileira e ramo industrial têm sofrido algumas alterações ao longo do tempo, tendo registado o primeiro, recentemente, uma grande divulgação, assumindo a forma de um neologismo, importado do francês «*filière*» quer na língua inglesa, que o absorveu na versão original, quer entre nós, traduzido. O uso da palavra fileira em detrimento do termo cadeia é sintomático de uma certa revisão do conceito. Como nas outras línguas, onde também existiam

os termos correspondentes a cadeia, no sentido de corrente (encadeado), a necessidade de encontrar uma palavra nova, para um conceito novo, terá levado ao uso generalizado de fileira. O ramo industrial respondeu acima de tudo a uma necessidade estatística de recolha e organização da informação. Com a identificação dos diferentes ramos industriais procurou-se segmentar a economia em grupos homogêneos, segundo critérios de semelhança ou substituíbilidade de produtos. A complexidade de interpenetrações entre os ramos tradicionalmente definidos veio porém tornar cada vez mais difícil a delimitação de fronteiras. Daí que se tenham passado a privilegiar, nas taxonomias industriais, os critérios baseados nos processos produtivos, em detrimento dos de produtos³. Uma fileira não é um ramo industrial mas procura ser um conceito mais operativo para a definição de fronteiras entre indústrias. Enquanto que o conceito de ramos parecia resolver as questões de tipologias operativas para a estatística, a utilização alternativa do termo fileira, pressupõe uma abordagem global diferente. Não se trata apenas de uma delimitação da economia, com objectivos estatísticos mas, pretende-se uma compreensão do funcionamento global dessa economia, segundo pressupostos teóricos também diferentes.

Há três leituras possíveis para o conceito de fileira industrial: a fileira como conjunto de operações técnicas, a fileira como conjunto de operações económicas e a fileira como conjunto de organizações⁴. O conceito de fileira como conjunto de organizações corresponde a uma abordagem mais recente e embora englobando os dois conceitos anteriores, põe a tónica nos mecanismos de coordenação que as transacções a que eles se referem, pressupõem. Esses mecanismos de coordenação prendem-se com as organizações e as instituições envolvidas no processo de produção, assim como com a respectiva organização hierárquica e as relações de poder que lhes estão subjacentes⁵. A análise em termos de fileira engloba assim, o conhecimento dos comportamentos dos actores envolvidos em cada estágio da mesma, bem como as respectivas estratégias.

Com efeito, a fileira constitui essencialmente um espaço estratégico para as empresas que optam por enquadrar a sua gestão micro-económica nas políticas sectoriais nacionais com o objectivo de atingir uma maior integração da própria cadeia e assegurar uma protecção mais eficaz contra a penetração estrangeira⁶.

O dinamismo das fileiras não só condiciona como também é o resultado do dinamismo das organizações que a integram. Ora essas organizações não definem a sua estratégia no quadro restrito da fileira, mas estabelecem ligações no exterior desta. Em suma, o facto de se ter procurado com um termo novo – fileira – traduzir uma realidade nova, respondendo a uma necessidade de operacionalidade de conceitos, não significou uma simplificação nos fenómenos. As fileiras, como os ramos, têm contornos tão fluidos e difíceis de delimitar, como complexas são as teias de transacções e contactos entre os diversos estádios das diversas fileiras⁷.

A indústria têxtil é constituída por diversas fases produtivas ou segmentos e uma variedade extrema de formas de processos de produção⁸. No âmbito da indústria têxtil, inclui-se a produção (indústria química) ou preparação de fibras e posterior produção de fios, a fabricação de tecidos e as operações de acabamentos de fios ou tecidos. A produção de Vestuário, não obstante trabalhar a partir dos produtos da indústria têxtil e ser, em média, o seu maior cliente, deve ser encarada como um ramo distinto, atendendo ao tipo de solidariedade que existe entre ambas, mais técnica do que económica e estratégica.

Este pequeno exercício debruça-se exclusivamente sobre a indústria têxtil assim considerada e, dentro desta, estuda a que utiliza o algodão ou mistura de fibras de algodão, artificiais e sintéticas.

É possível analisar a indústria têxtil segundo várias perspectivas. Segundo as matérias primas que utiliza, segundo as fases da cadeia produtiva, os usos ou fins a que se destinam os produtos ou segundo a tecnologia usada.

Uma das características específicas na evolução da indústria têxtil reside no facto de, ao longo do tempo, os ganhos de produtividade conseguidos com uma nova máquina não terem implicado necessariamente uma ruptura, mas terem definido, em cada momento, as formas mais eficientes de organização da produção e do processo de trabalho para a fileira globalmente. Em termos de balanço geral, assistiu-se (também) na indústria têxtil, através dos avanços técnicos, a um progressivo aumento da composição orgânica do capital que a foi convertendo numa indústria cada vez mais capital intensiva e menos mão-de-obra intensiva. Esta capitalização crescente implicou uma também crescente intensificação da divisão técnica do trabalho e a consequente desqualificação média da mão-de-obra. Daqui decorre, em grande medida o processo particular de internacionalização mais recente desta indústria, cada vez menos exigente ao nível da qualificação da mão-de-obra ao nível mais baixo da divisão técnica do trabalho e mais fácil de sobreviver em qualquer parte do mundo. E por isso também, é através da indústria têxtil que regiões novas se industrializam e inserem na nova divisão internacional do trabalho modificando, por seu turno, profundamente as regras de funcionamento do sector, à escala mundial.

Neste processo de crescente capitalização do sector, são importantes as alterações que se têm vindo a verificar ao nível da construção das máquinas. Hoje em dia há um número reduzido de grandes construtores, fruto de sucessivas fusões que controlam o mercado internacional. As grandes empresas desenvolvem no seu interior, uma intensa actividade de investigação de forma a conseguirem constantemente, apresentar melhorias técnicas nos maquinismos, as quais, regra geral, consistem em ganhos de velocidade e eliminação de defeitos nos produtos. A utilização crescente da electrónica permitiu a eliminação de um grande número de peças mecânicas (centenas por vezes!). As máquinas são cada vez mais caras, menos susceptíveis de receber pequenos investimentos de reparação ou adaptação e com um tempo de vida cada vez mais curto. A sua capacidade esgota-se mais rapidamente sendo necessário proceder a substituições totais. Sobreviver neste contexto, para uma indústria têxtil, pode significar crescer pela substituição de máquinas obsoletas por outras com uma (muito) maior capacidade produtiva. Daí que para produtos como os fios e os tecidos, as economias de escala continuem a ter uma grande importância. Uma das formas de sobreviver será através da produção de metragens grandes para produtos de grande procura e estandardizados. A produção de metragens reduzidas pressupõe outro tipo de organização, está menos dependente da diminuição dos custos médios de produção e tem necessariamente de se encontrar interligada com o ramo do vestuário. A concentração financeira ao nível dos construtores de máquinas têxteis corresponde também a uma concentração espacial dos centros de investigação e design. E esta concentração penaliza naturalmente, as regiões especializadas nas fases de execução e produção propriamente dita e onde não existem indústrias das fileiras exteriores, das máquinas à química. Portugal é, em grande medida, um exemplo dessa situação.

Actualmente os construtores de máquinas enfrentam porém um certo dilema. Com a internacionalização da indústria têxtil e a deslocação de grande parte dos segmentos propriamente produtivos da cadeia para os países do Terceiro Mundo, são diferentes as solicitações dos primeiros e destes últimos. Enquanto que os países europeus mais industrializados necessitam de tecnologias o mais avançadas possível que minimizem os empregos, para os países do Terceiro Mundo a combinação ideal são máquinas menos caras ainda que empregando muita mão-de-obra. É portanto difícil para os construtores dar resposta a dois tipos de necessidades antagónicas. O que parece estar a acontecer é uma concentração de esforços de I e D no âmbito do controle de qualidade e do processo de fabrico em geral, associando tecnologia têxtil com tecnologia de comunicações. Desta forma, ainda que as máquinas propriamente ditas, usadas nos países do Terceiro Mundo não sejam as mais avançadas tecnologicamente, são-no na medida necessária para não necessitarem de mão-de-obra especializada ou qualificada e encontram-se controladas por sistemas de informação sofisticados, centrados nos países europeus. Assiste-se assim ao desenvolvimento de programas informáticos de organização da produção e controle de qualidade associados às redes de telecomunicações, que possibilitam um acompanhamento *on-line* da produção feita no exterior, por parte das empresas europeias. Mesmo dispondo das principais reservas de matérias primas e possuindo um grande número e uma grande variedade de tipos de fábricas têxteis, os países do Terceiro Mundo não detêm, regra geral, uma proporcional capacidade de controle e decisão, sobre as respectivas estruturas produtivas. Este facto ilustra também a forma complexa como se estruturam as fileiras. Aqueles países, novos produtores, ainda que integrados nas estratégias de fileira que se vão desenvolvendo, não participam das decisões fundamentais, que são tomadas fora dos seus territórios.

Mesmo perante a crise da produção em massa, a crise fordista, quando a palavra de ordem parecia ser a especialização flexível, única via para a sobrevivência, a indústria têxtil foi capaz de engendrar mecanismos internos de uma flexibilidade funcional, em oposição a uma flexibilidade numérica possível noutros ramos, como por exemplo o vestuário. A flexibilização da indústria têxtil está relacionada com a organização do trabalho, mais do que com o mercado de trabalho⁹. É a possível em estruturas pesadas, com raízes históricas profundas, fisicamente muito condicionadas. Neste contexto, nunca se poderão confundir as perdas ainda que acentuadas, de empregos, com declínio ou segmentação.

«The point at issue is how to achieve a balance between responding to more fragmented markets via production flexibility and economies of scope and the need to retain scale economies».¹⁰

Integração e Desintegração vertical

As indústrias têxteis nunca foram usadas como paradigma do fordismo, a verdade é que no período em que este modelo organizativo da produção industrial se consolidou, a integração vertical era dominante na têxtil. O exemplo português é um caso evidente. Ao desenvolvimento industrial da tecelagem, apoiado na produção doméstica dispersa de fio e na importação de teias de Inglaterra, sucedeu-se o desenvolvimento da fição, integrando as tecelagens este segmento

a montante. A partir dos anos trinta deste século, quando a indústria têxtil algodoeira registou a maior aceleração no seu crescimento, dominavam, em Portugal e especificamente no Noroeste, as empresas verticais.

A integração nos segmentos a juzante da fileira têxtil, quer nos acabamentos, quer nas operações de confecção sempre foi selectiva, ao longo do tempo. Basicamente assistiu-se a uma grande diversidade de situações, desde empresas que sempre foram especializadas apenas nestes segmentos, à incorporação dos mesmos nas grandes empresas verticais. A coexistência das mais diversificadas situações nestes segmentos, na actualidade, ilustra a dificuldade de identificação de um processo de trabalho e de formas de organização da produção dominantes na fileira. Trata-se dos segmentos onde a flexibilidade numérica é possível e eficiente, ainda que existam situações marcadamente fordistas.

O objectivo desta comunicação não é porém o de identificar os modelos dominantes na fileira, a esse nível. O que pretendo sim é avaliar até que ponto existe uma segmentação territorial dos níveis fundamentais da divisão técnica do trabalho e qual o papel do Porto, nesse quadro territorial, conhecido que é a sua importância em períodos históricos mais antigos.

A indústria têxtil algodoeira no Noroeste português

A base empírica para a caracterização da indústria têxtil algodoeira no Noroeste de Portugal na actualidade consistiu numa base de dados comprada à *Dun & Bradstreet, Portugal*, relativa a 1997 (dados de 1996 para a maior parte das empresas). A partir da identificação dos parâmetros fundamentais que explicam a situação actual, procurei sistematizar algumas hipóteses explicativas dos percursos históricos que a ela conduziram, com base noutras fontes estatísticas e em inquéritos e entrevistas levadas a cabo no âmbito de outros projectos de investigação sobre as indústrias têxteis.

A base de dados da *Dun & Bradstreet* apresenta algumas vantagens em relação a outras, quando se pretende trabalhar ao nível das empresas. Por um lado, tem uma alimentação diária com informações das empresas, do Diário da República, dos Relatórios de Contas, das Conservatórias, dos Tribunais, etc., raramente existindo na base, empresas encerradas ou falidas há mais de um ano. Por outro lado, inclui todo o tipo de sociedades, nomeadamente empresas em nome individual.

A razão de ser da escolha desta base de dados foi ainda a de tentar proceder a um exercício de teste a outros trabalhos de investigação sobre a indústria têxtil algodoeira onde tenho privilegiado uma abordagem cronológica, do passado para a actualidade, a partir das estatísticas oficiais e de trabalho de campo, com inquéritos e entrevistas às empresas.

A base de dados refere-se à totalidade das empresas industriais têxteis para Portugal, para 1997 (dados estatísticos das empresas, de 1996). Ainda que soubesse à partida que os lanifícios iriam integrar a base de dados, achei importante contabilizar a totalidade das empresas têxteis no país, para relativizar o peso da têxtil algodoeira dos distritos do Porto e Braga que de facto abrangem a mancha têxtil do Noroeste, incluindo a área Metropolitana do Porto e os vales do Leça, Ave e Cávado.

A base de dados inclui 596 empresas, com um média de idades de 23 anos, com 44 760 empregados (dimensão média 75 empregados por empresa), um

volume de vendas para 1996 de cerca de 326 milhões de contos e um capital social de cerca de 123 milhões de contos.

Da base inicial, selecionei apenas os distritos do Porto e Braga, com os objectivos acima expostos. Das empresas seleccionadas, exclui as que apresentavam zero empregados, agreguei empresas pertencentes a um mesmo grupo ou dos mesmos proprietários e procedi a uma despistagem de casos de falências com menos de um ano, por confrontação com bases de dados de trabalhos em curso e através de contactos telefónicos por amostragem. Foram detectados apenas dois casos, nesta última situação. A selecção resultante corresponde a mais de 80% do emprego e do capital social e a praticamente 90% do volume de vendas do sector.

Desta selecção, separei seguidamente as cem empresas (ou grupos) maior empregadoras, as quais correspondem com um pequeno desvio, às que possuem um número de empregados superior à média da selecção anterior. Este conjunto representa cerca de 70% da base de dados geral e a cerca de 90% da selecção anterior, para as três variáveis fundamentais, emprego, volume de vendas e capital social.

É essencialmente sobre este conjunto das 100 maiores que vai recair a caracterização da situação actual (ver Quadro). Nos mapas em anexo, foi cartografada a informação relativa a essas empresas.

Se considerarmos para além disso, o conjunto das dez maiores empresas segundo as três variáveis, isto é as maiores empregadoras e/ou as que possuem maior capital social, as que apresentaram maior volume de vendas e ainda as dez mais antigas, chegamos a um pequeno conjunto de 23 empresas, todas localizadas na bacia do Ave, que, sozinhas correspondem a mais de metade do emprego das 100 maiores e a 60% e 70% respectivamente do volume de vendas e do capital social das mesmas. A sua dimensão média é de 754 empregos por empresa e a média de idades é de cerca de 66 anos.

Parece-me legítimo proceder a esta contabilidade simples para poder afirmar que a dimensão da concentração a diversos níveis e não apenas territorial, é uma realidade evidente que não se pode facilmente enquadrar no discurso pós-fordista da acumulação flexível.

O Porto na divisão internacional do trabalho: a indústria têxtil

Com este pequeno ensaio procurei porém, mais do que caracterizar a actual estrutura da fileira no Noroeste de Portugal, tentar avaliar o papel do Porto na dinâmica mais recente da mesma. Ora a realidade não põe em evidência laços estreitos de qualquer tipo ao nível da estrutura produtiva propriamente dita. Mais, não existem hoje em dia, sedes sociais de empresas têxteis, na cidade do Porto, ao contrário do que acontecia anteriormente. Muitas das grandes empresas têxteis localizadas nos vales do Ave, Vizela ou Cávado, partiram de sociedades sediadas no Porto. A dependência historicamente enraizada das áreas têxteis periféricas em relação ao Porto estava ligada a actividades comerciais de vários tipos, como a importação ou exportação de produtos e máquinas e assistência técnica. Hoje esses serviços estão internalizados nas empresas, localmente ou são directamente prestados por empresas no estrangeiro, com quem as portuguesas têm muitas vezes ligações de subcontratação. Em suma, a articulação técnica e económica da fileira processa-se ao nível interregional, sem passar pelo Porto, outrora interface de crucial importância.

A concentração regional das unidades produtivas é uma evidência a todos os níveis (Mapas anexos)

Sem pretender definir o lugar do Porto na divisão internacional do trabalho em toda a sua extensão, parece-me relevante compreender como no caso específico das indústrias têxteis, esse processo se traduziu num desvincular progressivo. Estará a base económica do Porto definitivamente desligada das indústrias têxteis, na actualidade? Se assim não é, pelo menos estas indústrias não desempenham mais um papel importante. E no entanto sabemos como são numerosas as empresas industriais e agências comerciais no domínio do Vestuário, localizadas na área Metropolitana do Porto. Trata-se seguramente de dois mundos distintos, cuja articulação terá de ser também estudada.

Em definitivo e como conclusão, poder-se-á dizer que actualmente nem a evolução da região têxtil depende do Porto, nem o lugar do Porto enquanto pólo urbano depende das indústrias têxteis. Este facto em si mesmo poderia não ser relevante, não fosse o ter sido exactamente o oposto num passado bem recente. Resta saber até que ponto o processo foi penalizador para o Porto ou se traduziu em vantagens, isto é, ter-se-à o Porto libertado dos têxteis, em favor de outras actividades mais enriquecedoras da sua base económica ou será o caso dos têxteis paradigmático de uma depreciação das centralidades do Porto, decorrente de uma internacionalização das cadeias produtivas?

NOTAS

1. Instituto de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E.mail: madalena@letras.up.pt
2. HUDSON, Ray – *Regional futures: industrial restructuring, new high volume production concepts and spatial development strategies in the new Europe*. «Regional Studies» 31. pp. 467-478. 1997.
3. REYNAUD-CRESSANT, Bénédicte – *Les contenus théoriques du concept de branche dans une problématique de définition de la branche d'édition de livres*. in «Économie Industrielle. Problématique et Méthodologie». Paris, Economica, 1983. pp. 83-105.
4. PEREZ, Roland – *Introduction méthodologique sur l'articulation filières-stratégies*. in «Économie Industrielle. Problématique et Méthodologie». Paris, Economica, 1983. pp. 69-74.
5. *Idem*, p. 70.
6. JACOMET, Dominique – *Le Textile-habillement. Une Industrie de pointe!* Paris, Economica, 1989.
7. DUPRAT, Henr – *Problèmes posés par les nomenclatures et l'agrégation*. in «Économie Industrielle. Problématique et Méthodologie». Paris, Economica, 1983. pp. 75-81. REYNAUD-CRESSANT, Bénédicte – *Les contenus théoriques du concept de branche dans une problématique de définition de la branche d'édition de livres*. «Économie Industrielle. Problématique et Méthodologie». Paris, Economica, 1983. pp. 83-105.
8. Sobre as características da cadeia têxtil: JACOMET, Dominique – *Les Textiles*. Paris, Economica, 1992. NEMOZ, Guy – *Emergence des Textiles Techniques et des Matériaux Composites en France*. Lyon, Geotex, 1993. NEVES, José de Sousa Machado Ferreira – *Indústria e Comércio dos Têxteis. Introdução ao Estudo da Actividade Têxtil*. Porto, 1987. PRÉVOT, Victor – *Géographie des Textiles. Étude d'un espace économique*. Paris, Masson, 1986 (1.ª ed. 1979). RIBEIRO, Ernesto K. de Queiroz – *O Algodão. Novos Processos de Produção, Comércio e Indústria*. Porto, Oficinas Gráficas de «O Comércio do Porto», 1965.
9. Sobre estes conceitos desenvolvidos por J. ATKINSON – *Flexibility, uncertainty, and manpower management. Report of a study conducted under the co-operative research programme of the I.M.S.*, Falmer, Brighton, University of Sussex, Institute of Manpower Studies, Report n.º 89, 1984, ver BENKO, Georges; DUNFORD, Mick – *Structural Change and the Spatial Organisation of the Productive System: an Introduction*. BENKO, Georges; DUNFORD, Mick – «Industrial Change and Regional Development». Londres, Belhaven Press, 1991. pp 3, 23.
10. HUDSON, Ray – *Regional futures: industrial restructuring, new high volume production concepts and spatial development strategies in the new Europe*. «Regional Studies» 31. pp. 467-478. 1997

EMPRESAS INDUSTRIAIS TÊXTEIS EM PORTUGAL 1997 (BASE DE DADOS DA DUN & BRADSTREET - PORTUGAL)

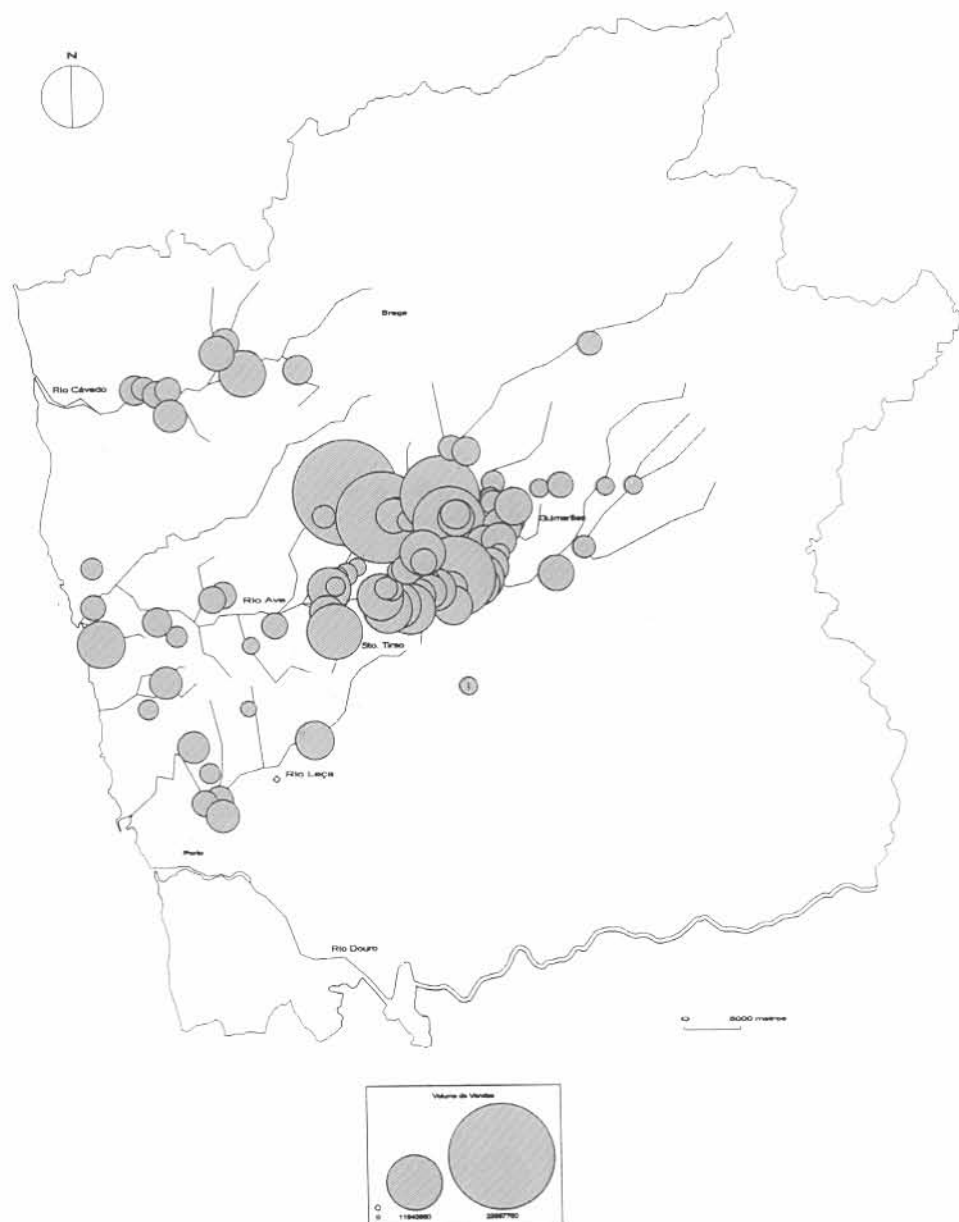
Síntese das principais variáveis

RAMO (SIC - Dun & Brad.)	NÚMERO DE EMPRESAS	NÚMERO DE EMPREG.	%	DIMENSÃO MÉDIA (Empreg./Emp.)	VOLUME DE VENDAS 1 000 CONTOS	%	CAPITAL SOCIAL 1 000 CONTOS	%	MÉDIA DE IDADE
Total da Base de Dados	596	44 760	100	75,1	325 755 774	100	122 843 652	100	23,34
Seleção dos Distritos de Porto e Braga	380	37 046	82,77	97,49	287 615 985	88,29	101 011 551	82,23	21
As 100 maiores empregadoras	100	31 253	69,82	312,53	217 576 780	66,79	88 938 831	72,4	38,34
As 10 maiores (emprego e/ou V.V. e C.S.)	23	17 356	38,78	754,61	131 221 965	40,28	60 511 176	49,26	65,78
Total 100 Maiores Empregadoras	100	31 253	100	312,53	217 576 780	100	88 938 831	100	38,34
2211 (Fiação, Tec. Peça Larga - Algodão)	19	8 315	26,61	437,63	68 383 562	31,43	21 291 583	23,94	53,1
2231 (Idem 2211 / Tint. / Acab.)	4	1 291	4,13	322,75	6 638 852	3,05	1 940 000	2,18	36,5
2261 (tint. / Acab. Tec. Seda)	11	1 264	7,24	205,82	13 360 572	6,14	6 423 000	7,22	28,9
2262 (Tint. / Acab. Tec. Seda)	1	441	1,41	220,50	1 517 277	0,70	1 750 000	1,97	36,5
2269 (Tint. / Acab. Têxteis NCA)	26	3954	12,65	152,08	26 981 947	12,40	9 383 947	10,55	20,0
2281 (Fiação, Algodão / Fibras Sintéticas)	38	14 988	47,96	394,42	100 694 570	46,28	48 150 301	54,14	46,6

DATA DE FUNDAÇÃO	NÚMERO DE EMPRESAS	NÚMERO DE EMPREG.	%	DIMENSÃO MÉDIA (Empreg./Emp.)	VOLUME DE VENDAS 1 000 CONTOS	%	CAPITAL SOCIAL 1 000 CONTOS	%
Total 100 Maiores Empregadoras	100	31 253	100	312,53	217 576 780	100	88 938 831	100
1 - Empresas fundadas até 1932	20	9 314	29,80	465,70	53 587 248	24,63	17 616 709	19,81
2 - Empresas fundadas entre 1933 e 1973	48	17 176	54,96	357,83	127 999 135	58,83	50 342 275	56,71
3 - Empresas fundadas depois de 1974	35	4 763	15,24	136,09	35 990 397	16,54	20 887 847	23,49

AS 100 MAIORES EMPRESAS TÊXTEIS (SEGUNDO O EMPREGO)

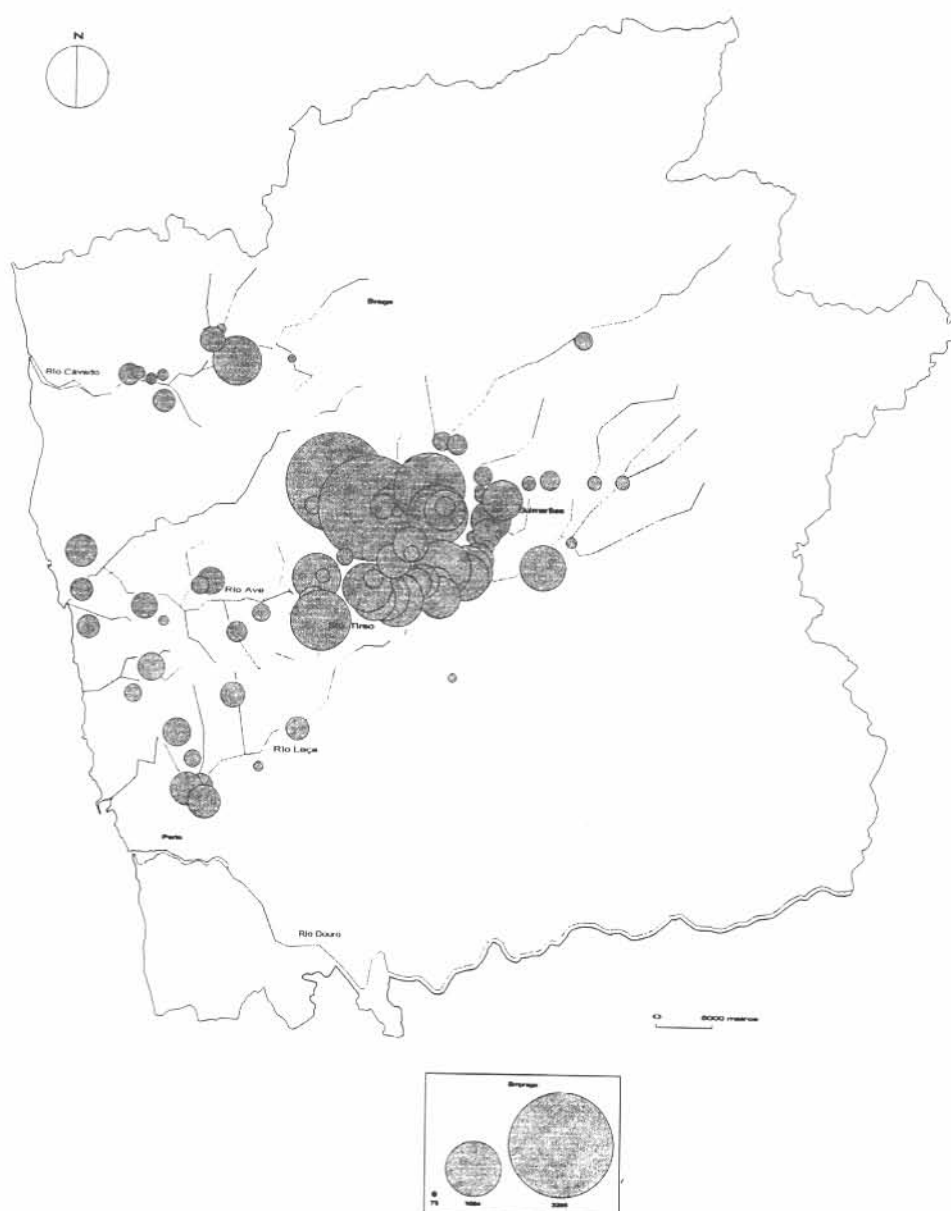
VOLUME DE VENDAS EM 1996



FONTE: Dun e Bradstreet Portugal, 1997

AS 100 MAIORES EMPRESAS TÊXTEIS (SEGUNDO O EMPREGO)

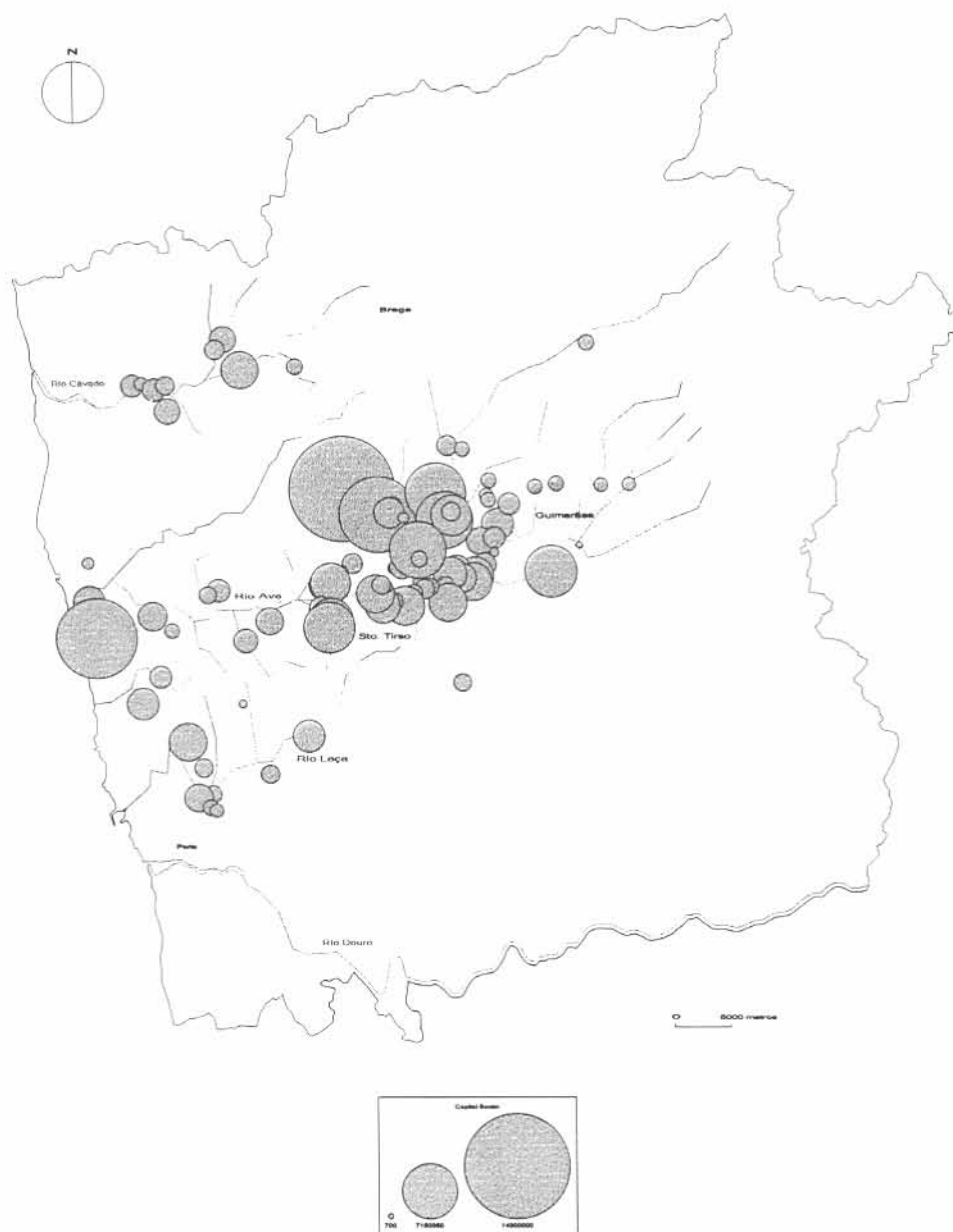
EMPREGO EM 1996



FONTE: Dun e Bradstreet Portugal, 1997

AS 100 MAIORES EMPRESAS TÊXTEIS (SEGUNDO O EMPREGO)

CAPITAL SOCIAL



FONTE: Dun e Bradstreet Portugal, 1997

